

## **TEMPOS MODERNOS**

**Peça em 3 actos de OLGA ALVES GUERRA. Publicada em 1960 no volume antológico «Teatro Português, do Romantismo aos Nossos Dias».**

**Representada pela primeira vez no Teatro Nacional em 29 de Março de 1940.**

**[...]**

**Duas cenas: «uma sala mobilada com riqueza e bom gosto» (1.º e 2.º actos e 2.º quadro do 3.º acto); «sala-estúdio mobilada com sóbrio bom gosto» (1.º quadro do 3.º acto).**

Contra o parecer de sua mãe, senhora de princípios austeros, Ângela de Mendonça propõe-se contrair segundas núpcias com Manuel Valadares, e só hesita em fazê-lo porque receia um desentendimento entre Rui, filho do seu primeiro casamento, e o futuro padrasto, que aliás considera a separação de mãe e filho a garantia imprescindível da sua felicidade. Entretanto Rui, que foi criado com uma grande liberdade, comete um desfalque num banco onde está empregado. O pai, João de Castro, evita o escândalo repondo a soma desviada, e procura a ex-mulher para lhe propor o afastamento do filho, mandando-o para Inglaterra tratar de negócios que lá tem. Mas Ângela recusa, vendo nessa proposta uma tentativa de lhe retirar o filho, que o tribunal lhe confiara. Cada um acusa o outro do comportamento desregrado de Rui, e Ângela acaba por dizer a João que o filho o odeia. Rui, sentindo-se o juguete do ódio e das conveniências sentimentais dos pais, «a bola que ambos se atiram mutuamente», revolta-se e declara à mãe que será ele próprio a decidir do seu destino. Sai de casa e vai pôr-se à disposição do pai, embora o não estime mas aceitando sujeitar-se à sua autoridade. Voltando a casa para comunicar à mãe a sua resolução, encontra Valadares que acabara por concordar com as condições propostas por Ângela: casarem-se ficando Rui na sua companhia, tanto mais que este, mais do que nunca, precisa agora, segundo Valadares, de uma protecção forte que o reconduza ao recto caminho. Mas Rui de novo se revolta contra esta «negociação» da sua pessoa, e recusa-se a admitir que sua mãe seja mulher de outro homem. Para conservar o amor do filho, Ângela renuncia a Valadares, mas não será isso que o fará alterar a decisão de ir viver com o pai. «Compreendo, diz-lhe a mãe; a tua família é agora o teu pai». Ao que o filho responde: «Eu não tenho família!» E Ângela fica sozinha, debatendo-se na angústia de ver destruídos, por suas próprias mãos, os alicerces da sua vida.

**Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 260-261.**

**Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.**